

LETRAMENTO RACIAL E RACISMO LINGUÍSTICO: REFLEXÕES SOBRE AS PALAVRAS E EXPRESSÕES USADAS PARA REFERIR-SE AO SUJEITO NEGRO E À SUA HISTÓRIA

Lorena da Silva RODRIGUES

Secretaria de Educação do Estado do Ceará

Maylle Lima FREITAS

Universidade Estadual de Campinas

Amanda Veríssimo da SILVA

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

O racismo linguístico é entendido como um recurso simbólico passível de assimilar violências e o discurso hegemônico da sociedade racista (Nascimento, 2019). Este artigo tem como objetivo analisar os termos utilizados para referir-se ao sujeito negro e a percepção da adequação dessas palavras, assim como flagrar o conhecimento sobre expressões relacionadas à história do povo negro no Brasil em vias de investigar o letramento racial do brasileiro. Para isso, aplicou-se um questionário a 651 pessoas pela plataforma QualtricsXM. Os resultados apontam uma miscelânea de termos; para referir-se ao sujeito negro de pele clara, utilizam-se de termos que o embranquecem, como “moreno”. É indicado também o não entendimento da diversidade de identidade negra pela não diferenciação dos itens “pardo”, “negro/negra” e “preto”, ainda que estes dois últimos sejam mais recorrentes para referirem-se à pessoa negra de pele escura. Contudo, termos considerados como mais adequados para referirem-se à população negra foram “negro”, “preto” e “afrodescendente”, respectivamente. Os sujeitos também apresentaram confusão quanto a expressões pertencentes ou não à história do povo negro no Brasil, indicando que essa falta de letramento e conhecimento epistemológico pode refletir o apagamento histórico do povo preto escravizado no Brasil.

Palavras-Chave: Racismo linguístico; Letramento racial; Identidades negras; Percepção linguística; Estudos decoloniais.

RACIAL LITERACY AND LINGUISTIC RACISM: REFLECTIONS ON THE WORDS AND EXPRESSIONS USED TO REFER TO THE BLACK SUBJECT AND THEIR HISTORY

Abstract

Linguistic racism is understood as a symbolic resource capable of assimilating violence and the hegemonic discourse of racist society (Nascimento, 2019). This article aims to analyze the terms used to refer to the Black subject and the perception of the adequacy of these words, as well as to identify knowledge about expressions related to the history of Black people in Brazil in order to investigate the racial literacy of Brazilians. For this purpose, a questionnaire was applied to 651 people through the QualtricsXM platform. The results point to a mix of terms used to refer to light-skinned Black subjects using terms that whitewash the light-skinned Black subject, such as "moreno". There is also an indication of a lack of understanding of the diversity of Black identity by not differentiating between the terms "pardo", "negro/negra", and "preto", although the latter two are more common for referring to dark-skinned Black people. However, terms considered more suitable for referring to the Black population were "negro", "preto", and "afrodescendente", respectively. Subjects also showed confusion regarding expressions as belonging or not to the history of Black people in Brazil, indicating that this lack of literacy and epistemological knowledge may reflect the historical erasure of enslaved Black people in Brazil.

Keywords: *Linguistic racism; Racial literacy; Black identities; Linguistic perception; Decolonial studies.*

ALFABETIZACIÓN RACIAL Y RACISMO LINGÜÍSTICO: REFLEXIONES SOBRE LAS PALABRAS Y EXPRESIONES UTILIZADAS PARA REFERIRSE AL SUJETO NEGRO Y SU HISTORIA

Resumen

El racismo lingüístico se entiende como un recurso simbólico susceptible de asimilar violencias y el discurso hegemónico de la sociedad racista (Nascimento, 2019). Este artículo tiene como objetivo analizar los términos utilizados para referirse al sujeto negro y la percepción de la adecuación de esas palabras, así como detectar el conocimiento sobre expresiones relacionadas con la historia del pueblo negro en Brasil con el fin de investigar el letramento racial del brasileño. Para ello, se aplicó un cuestionario a 651 personas a través de la plataforma QualtricsXM. Los resultados señalan una mezcla de términos; para referirse al sujeto negro de piel clara, se utilizan términos que lo blanquean, como "moreno". También se indica la falta de comprensión de la diversidad de la identidad negra al no diferenciar entre los términos "pardo", "negro/negra" y "preto", siendo estos dos últimos más recurrentes para referirse a personas negras de piel oscura. Sin embargo, los términos considerados como más adecuados para referirse a la población negra fueron "negro", "preto" y "afrodescendiente", respectivamente. Los sujetos también mostraron confusión en cuanto a expresiones que pertenecen, o no, a la historia del pueblo negro en Brasil, lo que indica que esta falta de letramento y

conocimiento epistemológico puede reflejar el borrado histórico del pueblo negro esclavizado en Brasil.

Palabras-clave: *Racismo lingüístico; Alfabetización racial; Identidades negras; Percepción lingüística; Estudios decoloniales.*

1. INTRODUÇÃO

As relações raciais no Brasil são orientadas, desde o colonialismo, por relações de poder, através das quais o povo foi historicamente marginalizado nos mais diversos setores da sociedade. Dentro da estrutura de dominação colonial, a linguagem sempre ocupou lugar de destaque na opressão desse povo. É nesse sentido que Kilomba (2020, p. 27) relaciona a vivência dos escravizados como “uma história de vozes torturadas, línguas interrompidas, idiomas impostos, discursos impedidos e dos muitos lugares que não podíamos entrar, tampouco permanecer para falar com nossas vozes”. Observa-se assim que a história linguística dos países que tiveram o trabalho escravo na base de sua formação é uma história pautada na violência.

No Brasil, o histórico de violência contra a população negra não acabou ao longo dos séculos, mas houve tentativas de apagamentos como o lusotropicalismo de Gilberto Freyre, através do qual foram cunhados eufemismos raciais, a fim de promover um embranquecimento da população brasileira. Foi nesse contexto que houve a ênfase e a insistência no termo morenidade que, para Nascimento (2016), não foi um jogo de palavras ingênuo, mas um projeto político cujo objetivo era o desaparecimento dos negros, através de um malicioso processo do embranquecer a pele e a cultura do negro.

Fazendo uma relação mais direta entre raça e linguagem, Hall (2016) afirma categoricamente que “raça é um significante, e que o comportamento e a diferença racializados devem ser entendidos como fato discursivo e não necessariamente genético ou biológico”. Ancorando-se nessa ideia e aliando-a com o processo de apagamento e embranquecimento das identidades negras da população brasileira, observa-se a urgência de um letramento racial amplo, a fim de acabar com toda violência propagada a partir da linguagem.

Nesse sentido, ao refletir sobre o racismo linguístico, Nascimento (2019) observa que as línguas, quando politizadas, estão a serviço de determinados projetos de poder,

como ocorreu com o colonialismo. Assim, a partir dos usos linguísticos, é desvelada uma estrutura que prioriza uma cor, um gênero, uma orientação sexual e uma classe através do discurso hegemônico. Dentro desse contexto, este trabalho tem como objetivo investigar como o racismo se reflete na estrutura discursiva da língua portuguesa falada no Brasil, a partir da investigação sobre as palavras usadas para fazer referência aos sujeitos negros. Desse modo, pretende-se também fornecer subsídios para se pensar um letramento racial decolonial e práticas pedagógicas que possam ir de encontro ao racismo linguístico.

Partimos da hipótese que, assim como no mito da democracia racial, o uso de determinados vocábulos serve para mascarar o racismo brasileiro. Dessa forma, os brasileiros, em geral, valem-se de termos e expressões como mulatos e “da cor do pecado” para referir-se a pessoas da comunidade negra como um eufemismo que suaviza e clareia tais indivíduos. Esses usos linguísticos fazem parte de uma estrutura de poder brasileira desde o colonialismo cujo objetivo é invisibilizar o negro brasileiro, embranquecendo-o.

Assim considerando, este artigo apresenta, na seção a seguir, considerações teóricas sobre o letramento racial, conceito basilar para as reflexões tecidas. Em seguida, apresenta-se a metodologia utilizada na pesquisa e análise dos resultados encontrados. Além disso, as considerações finais não põem um ponto final na discussão, mas lançam luzes para as próximas pesquisas que traçam uma relação entre raça e linguagem.

2. LETRAMENTO RACIAL

Vieira (2022) promove uma conceituação para letramento racial, indicando que este pode ser racista ou antirracista. O racismo linguístico, por exemplo, instaurado como uma prática social, pode ser entendido como uma absorção de um letramento racial racista, que fomenta a disseminação do preconceito étnico-racial.

É esse tipo de letramento racial que permeia a maioria da população brasileira, que, embora não se perceba racista - por falta de um letramento racial que seja

antirracista -, não exerce nenhum movimento em direção a uma postura que se coloque contra o racismo vigente. Falta a compreensão das palavras da ativista Angela Davis de que numa sociedade racista não basta não ser racista, é preciso ser antirracista. Aplicando a este caso, a não movimentação e o silêncio perante uma estrutura de opressão aos corpos negros acarreta o que a antropóloga Lélia Gonzalez (2020, p. 221) denomina de “racismo por omissão”. Para somar a tais afirmações, a conceituação de como se dá a conduta antirracista dada por Silva (2012) se faz urgente:

Não se trata de caridade ou assistência, mas sim de uma construção pessoal e profissional sensível e profundamente político/comprometida com os quadros das desigualdades socioeconômicas, políticas, culturais e históricas, etc., nas quais estão envolvidas as pessoas das camadas populares em nosso país (Silva, 2012, p. 83).

Para que haja tal construção pessoal e profissional, e também o despertar dessa sensibilidade diante da conjuntura racista que se apresenta na sociedade brasileira, surge o entendimento e a necessidade de assimilação do letramento racial antirracista dado por Vieira (2022). A autora define esse tipo de letramento como um conhecimento adquirido, seja por leitura, seja por meios de informação, entre outros, capaz de tornar alguém atento para “perceber e responder ao contexto racial e estruturas raciais que os indivíduos encontram” (Twine; Steinbugler, 2006, p. 344 *apud* Vieira, 2002, p. 59). Ou seja, a educação, a mídia e outros âmbitos informativos que estão na sociedade são capazes de conceder o conhecimento capaz de promover o letramento racial antirracista e, portanto, a desconstrução do racismo e o entendimento sobre quais posturas se fazem essenciais em uma atuação antirracista em sociedade.

Mesmo que a partir de uma leitura ou encontro com determinada informação um indivíduo não se torne automaticamente uma pessoa antirracista - devido ao racismo estar entranhado visceralmente em sua percepção de mundo -, surge ali, naquele contato, um sentimento de contradição diante de tudo que o sistema racista lhe repassou. É quando o sujeito se defronta com as primeiras chamadas da possibilidade de ver a realidade social sobre outra ótica, abrindo-se para o que Vieira (2022, p. 62) apresenta como “uma outra forma de estar no mundo”.

Pessoas brancas, quando não inclinadas ativamente a se educarem nos termos do letramento racial antirracista aqui citado, se mostram com “a inabilidade de analisar

sua posição em uma estrutura social racializada, ou seja, perceber sua condição racial enquanto branca(o) e os privilégios raciais decorrentes disso” além de se mostrarem desinteressadas em “colocar sua posição racial no centro da análise” (Vieira, 2022, p. 60). Segundo a autora, é importante ter o entendimento crítico de que “o racismo, tal como o conhecemos”, é também “um habilidoso e perverso projeto de letramento em sua dimensão prática e discursiva” (Vieira, 2022, p. 61). Isso demonstra que os caminhos para o letramento antirracista devem ser ativos, pois foi de uma forma também ativa - e não por acaso - que o racismo se naturalizou a partir de um letramento racial opressivo.

Nesse processo de reeducação compreendido nesta seção, os sujeitos sociais vão ao encontro da possibilidade de entender conceitos e terminologias básicas que definem as vivências e violências que permeiam cada tom de pele, assim como discernir quais estruturas foram construídas a partir letramento racial racista para assim, ressignificá-los.

O letramento racial antirracista busca elucidar desde as violências mais evidentes até as mais sutis, como o racismo linguístico, que tem destaque neste artigo. Sua sutileza se mostra em seu entrelaçamento ao racismo cotidiano, dado por Kilomba, que não se configura como “um ‘ataque único’ ou um ‘evento discreto’, mas sim como uma ‘constelação de experiências de vida’, uma ‘exposição constante ao perigo’, um ‘padrão contínuo de abuso’ que se repete incessantemente ao longo da biografia de alguém” (Kilomba, 2020, p. 80). Ter a percepção dessas micro violências demonstra quanto letrado racialmente numa perspectiva antirracista é um sujeito social, pois são práticas racistas naturalizadas, não à toa pautadas como cotidianas, que muitas vezes não são percebidas (e quando são, são vistas como inofensivas).

3. METODOLOGIA

Apresenta-se nesta seção os métodos adotados no desenvolvimento desta investigação, destacando o questionário elaborado, a construção da amostra e o tratamento dos dados. A investigação partiu de onze perguntas divulgadas ao público por meio de um formulário online aplicado no mês de maio de 2021. Para tal, utilizou-se

a plataforma Qualtrics XM, especializada na elaboração e veiculação de questionários, seja de maneira autônoma, seja institucionalizada. A plataforma também fornece subsídios para análise dos dados, elaboração de gráficos e a possibilidade de exportação de dados em planilhas para fins de tratamento estatístico.

O inquérito teve como objetivo investigar o grau de letramento racial dos investigados, a partir da forma como eles nomeavam os sujeitos negros - pretos e pardos - e como avaliavam palavras usadas para referir-se a esses mesmos grupos. Serão analisadas, neste artigo, as respostas a quatro perguntas, exemplificadas a seguir.

Resposta obrigatória	Qual(is) a(s) palavra(s) que você usa para se referir a pessoas de pele muito escura (retinta)?
Resposta obrigatória	Qual(is) a(s) palavra(s) que você usa para se referir a pessoas de pele um pouco escura (menos retinta)?
Resposta obrigatória	As palavras a seguir são utilizadas para se referir a pessoas pertencentes a uma das identidades étnico-raciais brasileiras. Quais delas você acha o uso adequado? Opções: Preto(a), Negro(a), Mulato(a), Moreno(a), Crioulo(a), Afrodescendente.
Resposta obrigatória	Quais palavras abaixo você acredita que possuem significado ligado à história do povo preto no Brasil? Opções: Denegrir, inveja branca, lista negra, feito nas coxas, da cor do pecado, criado mudo, a coisa tá preta, meia tigela.

Quadro 1: Perguntas aplicadas aos sujeitos pesquisados

Fonte: Elaborado pelas autoras

A divulgação do questionário para respostas ocorreu no segundo semestre de 2021 e baseou-se em uma versão on-line do método “amigo de amigo” (Milroy, 2004), uma vez que os pesquisadores buscaram informantes com base em suas redes sociais e permitiram que esses informantes replicassem a pesquisa em seu ciclo social. Assim, não há contato e controle na seleção do montante final de informantes, sendo, desse modo, uma amostra semialeatória. O questionário foi encerrado e o contato finalizado quando se obteve um número satisfatório de participantes com perfis sociais diversos.

O inquérito apresentava um termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, por se tratar de uma pesquisa de opinião pública¹, seguiu as orientações da Resolução 510/2016, que orienta as pesquisas em ciências humanas no que se refere às questões éticas.

Para a questão das palavras relacionadas à história do povo preto no Brasil, adicionaram-se estímulos distratores para evitar a marcação aleatória das características, exigindo do participante maior reflexão sobre as respostas que fornecia. As palavras escolhidas foram: mancebo, penumbra, mala sem alça e anuviado, apresentadas aqui considerando a respectiva proporção de associação desses termos à história do povo preto no Brasil, os distratores representaram 11,9% (N= 443) do total de itens selecionados na amostra original, esses distratores foram excluídos para análise final. Estímulos "semidistratores" também foram adicionados, sendo esses: criado-mudo e feito nas coxas, que têm origem etimológica difusa a ser posteriormente discutida.

3.1. Perfil social da amostra

Os participantes foram estratificados socialmente em relação à idade, ao gênero, à identidade racial, à naturalidade e à escolaridade (quantificando-se a grande área do conhecimento especializado, considerando os falantes com Ensino Superior). Desse modo, das 651 respostas obtidas, 63,1% foram de pessoas do gênero feminino, 36,5% do masculino e 0,5% de pessoas de gênero-binário. Em relação à faixa etária, 62,2% são da primeira faixa (até 30 anos de idade), 36,8% da segunda faixa (31-65 anos de idade) e 1,1% da terceira faixa (66 anos de idade ou mais). A naturalidade foi quantificada a partir das 5 regiões brasileiras, sendo 79,4% dos participantes nativos do Nordeste, 13,1% do Sudeste, 2,9% do Sul, 2,3% do Norte, 1,8% do Centro-Oeste e 0,5% estrangeiros (França).

¹ No Artigo 2º, XIV, dispensa a submissão ao Conselho de Ética pesquisas do tipo “pesquisa de opinião pública: consulta verbal ou escrita de caráter pontual, realizada por meio de metodologia específica, através da qual o participante, é convidado a expressar sua preferência, avaliação ou o sentido que atribui a temas, atuação de pessoas e organizações, ou a produtos e serviços; sem possibilidade de identificação do participante” (BRASIL, 2016).

A amostra foi composta principalmente por falantes com Ensino Superior incompleto (38,6%), Pós-Graduados (33,8%) e Ensino Superior completo (20,2%). Em menor proporção, figuram os falantes com Ensino Médio completo (6,5%), Ensino Médio incompleto (0,5%) e Ensino Fundamental incompleto (0,5%). Entre os falantes com Ensino Superior e as grandes áreas do conhecimento da BNCC (Brasil, 2018), 36,9% dos informantes são estudiosos da área de Ciências Humanas (e Ciências Sociais aplicadas), 26,4% da área de Linguagem e Arte, 16% das Ciências da Natureza, 14,6 das Ciências Exatas e 6,1% não declararam sua área do conhecimento.

A questão da identidade racial foi obtida a partir da autodeclaração escrita, sem nenhum tipo de opção previamente definida. Percebe-se a grande e dispersa quantidade de identidades, assim como um contingente que não conseguiu, ou preferiu não realizar autodeclaração. Cabe ressaltar que alguns participantes inseriram na questão observações acerca da sua dificuldade de autodeclaração como "eu acho", "penso que" e "as coisas mudam bastante, então tenho dúvidas". Alguns ainda afirmaram também serem da raça "humana", seguido por uma autodeclaração racial específica. Segue a estratificação das identidades raciais autodeclaradas:

Autodeclaração de Identidade Racial	Contagem (N)	Proporção (%)
Branca	261	40
Parda	234	35,9
Preta	57	8,7
Negra	56	8,6
Amarela	10	1,5
Morena	7	1,1
Mestiça	5	0,8
Mulata	2	0,3
Caboclo	1	0,2
Latina	1	0,2
Afro	1	0,2
Indígena	1	0,2

Não sabe declarar	2	0,3
Prefere não responder	2	0,3
Outras (mais de uma opção autodeclarada)	10	1,5
Total =	650	100

Tabela 1: Autodeclaração de identidade racial dos participantes da pesquisa (N = 650)

Fonte: Elaborada pelas autoras

Na seção que se segue, serão analisadas as respostas obtidas por esses entrevistados.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Brasil, 2022), a identidade racial negra no Brasil é constituída de dois grupos raciais: os pretos e os pardos. Por essa definição, entende-se que pretos são os negros retintos, enquanto os pardos seriam os negros de pele clara. Porém, devido ao alto índice de miscigenação do país e a política de estudo de embranquecimento da população (cf. Nascimento, 2016), a categoria “pardo” não é, necessariamente, compreendida pela população - com baixo nível de letramento racial - como associada a pessoas negras, mas, sim, como a qualquer mistura entre raças. A esse exemplo, a Figura 1 ilustra, através de uma nuvem de palavras, as respostas dos participantes da pesquisa quando perguntados sobre qual palavras utilizam para referir-se a pessoas negras de pele menos retinta.



Figura 1 - Nuvem de palavras para referir-se a pessoas negras de pele um pouco escura (menos retinta)

Fonte: Elaborada pelas autoras

Pela nuvem de palavras, os vocábulos mais citados nas respostas subjetivas do teste aparecem em tamanho maior, mais ao centro da imagem e de cor mais intensa. Dessa forma, observa-se que “moreno/morena” foi a palavra mais citada pelos inquiridos, seguida por “negro/negra”, “pardo” e “preto”. Foram citadas, ainda, “pela clara”, “clara”, “mulato”, além de algumas respostas como “branco”. A partir desses resultados, observa-se o predomínio do projeto de embranquecimento da pele negra e o racismo brasileiro, a partir da linguagem, a partir da morenidade, como já vinha sendo anunciado por Abdias Nascimento desde a década de 1970. Além disso, a não compreensão da diversidade da identidade negra faz com que não haja diferenciação entre termos como “negro/negra”, “pardo” e “preto”.

Nessa perspectiva, a Figura 2 mostra semelhança à anterior, porém com o predomínio dos vocábulos “negro/negra” para a pergunta sobre como são chamadas as pessoas negras de pele muito escura/retinta. Essa palavra foi cunhada pelo colonizador desde o início da chamada expansão marítima europeia em uma relação de poder entre Europa e África, em que africanos eram definidos em posição de subordinação e inferioridade (Kilomba, 2020). Porém, no Brasil, houve uma ressignificação do termo pela própria comunidade afrobrasileira, dando ao termo “negro” um valor positivo e considerado adequado para representar uma identidade social-cultural-política das

raças reconhecidas legalmente pelo Estado brasileiro como parda e preta. Sabendo disso, era de se esperar que essa palavra ocorresse nas Imagens 1 e 2, porém percebe-se o baixo letramento racial dos sujeitos investigados, uma vez que parecem não saber categorizar linguisticamente negros de pele clara (pardos, segundo o IBGE) e negros retintos (pretos, segundo o IBGE).



Figura 2 - Nuvem de palavras para referir-se a pessoas negras de pele muito escura (mais retinta)

Fonte: Elaborada pelas autoras

Este trabalho partiu da hipótese de que o baixo letramento racial do brasileiro converge para a marcação do racismo na estrutura linguística. Ao analisar mais a fundo os dados apresentados nas Figuras 1 e 2, observamos o racismo estrutural brasileiro que tenta “suavizar” o preconceito através do uso de palavras que funcionariam como espécies de eufemismos. Desse modo, o sujeito pardo, muitas vezes não lido socialmente como negro, é reconhecido majoritariamente como “moreno” e, por sua vez, o preto - também numa tentativa de branqueamento linguístico - é nomeado pela maioria como “negro”, tal fato confirma, assim, nossa hipótese.

A leitura de que há uma espécie de hierarquização de valores positivos entre as palavras “negro” [+ positivo] e “preto” [- positivo] é comprovada no Gráfico 1, que analisa a adequação quanto ao uso de palavras sugeridas pela pesquisa de forma objetiva para referir-se a pessoas negras. Além dessas duas, foi sugerida a palavra “afrodescendente”

no rol das consideradas de uso adequado, conforme pode-se observar nos dados a seguir.

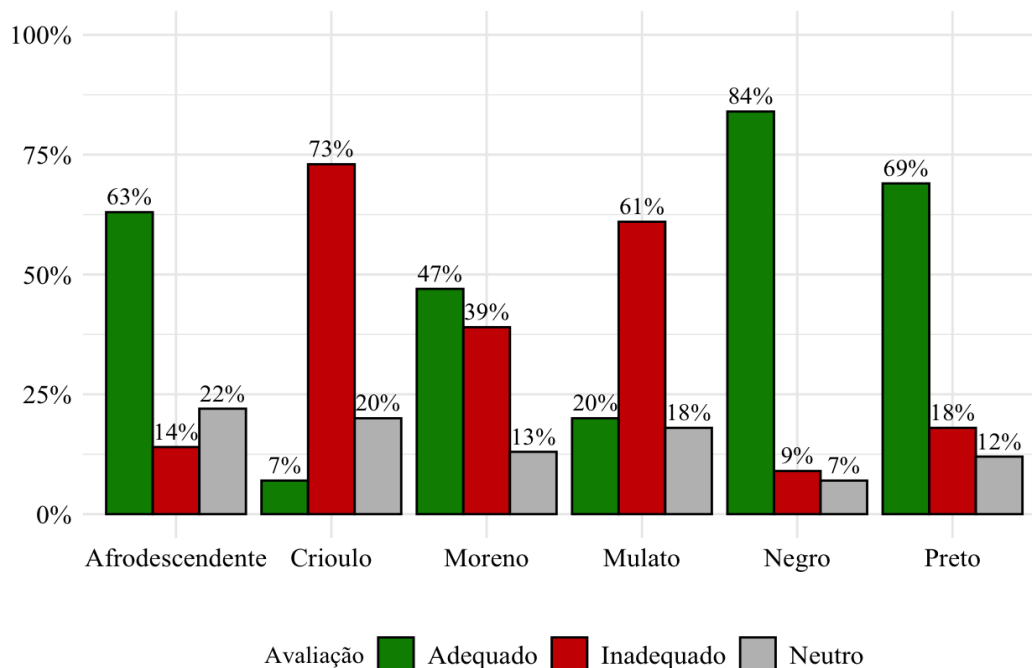


Gráfico 1: Avaliação das palavras usadas para referir-se a pessoas negras (N= 650)

Fonte: Elaborado pelas autoras

Como já era esperada a baixa compreensão em relação ao significado de “pardo”, optou-se pelo uso das palavras (inadequadas) “crioulo”, “moreno” e “mulato” como opções relacionadas ao povo negro. De acordo com os dados apresentados no gráfico 1, observa-se uma alta rejeição ao uso de “crioulo” e de “mulato”, uma vez que este recebeu 61% de avaliações tidas como inadequadas, enquanto aquele recebeu 73%. Vale destacar que os sujeitos deste estudo são em grande maioria brasileiros com alto grau de escolarização e acesso às mídias, assim, de alguma forma, espera-se que tenham algum nível de letramento racial. Contudo, os resultados mostram o intenso processo de “morenização linguística”, uma vez que quase a metade dos inqueridos (47%) considera o vocábulo “moreno” como uma palavra adequada ao referir-se aos povos negros.

Termos	Contagem (N)	Proporção (%)
Da cor do pecado	518	15,7
Criado mudo*	501	15,2
A coisa tá preta	460	14
Denegrir	452	13,7
Lista negra	418	12,7
Inveja branca	387	11,8
Feito nas coxas*	382	11,6
Meia tigela	174	5,3
Total =	3292	100

Tabela 2: Avaliação de termos quanto à crença de sua relação com a história do povo preto no Brasil (N = 650)

Fonte: Elaborada pelas autoras

Os resultados da percepção dos termos relacionados à história do povo preto no Brasil apontam, em primeiro lugar, a expressão “da cor do pecado”. Esse termo apresenta um recorte de gênero na sociedade brasileira, pois a erotização da mulher negra é reforçada na cultura popular e na mídia. Moreira *et al.* (2018) apontam, a partir da minissérie *Sexo e as Negas*, reproduzida pela rede Globo em 2018, que também exibiu uma novela chamada *Da cor do pecado*, a manutenção da visão da mulher negra como serviçal e como objeto sexual, inclusive, nas duas produções, o estereótipo convergiu na imagem da empregada doméstica. Nessa expressão, também se guarda o ideário cristão e racista da colonização brasileira, em que as mulheres brancas eram esposas devotadas e as mucamas, trabalhadoras domésticas escravizadas, eram alvo de estupros do senhor da Casa Grande, mas culpabilizadas sobre o suposto pecado da luxúria dessas mulheres (Brasil, 2022).

De modo similar, as expressões “A coisa tá preta”, “Denegrir”, “Lista Negra” e “Inveja Branca” constituem-se em uma oposição de branco a preto/negro, com valores, respectivamente, positivos e negativos. O guia do Tribunal Superior Eleitoral: Expressões racistas: como evitá-las (Brasil, 2022, p. 59) aponta que estas expressões se referem “[...] a um rol em que são agrupadas categorias de coisas ruins, proibidas, ilícitas ou que devam ser evitadas ou perseguidas”. O léxico “denegrir” traz uma noção processual, pois é um verbo que significa “tornar negro”, e, assim, tornar algo negativo, enquanto “lista negra” e “inveja branca” trazem o valor adjetivo negativo e positivo. Por exemplo, branco também é utilizado com valor positivo nas expressões “dia de branco” e “trabalho de branco”. Interessantemente, os participantes da pesquisa alocaram hierarquicamente esses itens com uma diferença de apenas 1,9%, desse modo, eles ocupam o centro da tabela de frequência e proporção. Desse modo, pressupõe-se que a oposição semântica e a significação social dos termos foram determinantes para a percepção desses termos como relacionada.

As expressões “criado mudo” e “feito nas coxas” constam com um asterisco, pois suas origens etimológicas são questionadas. Aponta-se que o “criado mudo” seria originalmente uma pessoa escravizada que sofreu mutilação na língua, perdia a habilidade da fala e deveria estar imóvel ao lado da cama dos senhores da Casa Grande, em seus aposentos. Já “feito nas coxas” seria um modo de confecção de telhas nas coxas dos escravizados. Esses termos são contados como parte da história do povo preto popularmente e, mais recentemente, por fontes oficiais como o Dicionário Antirracista, lançado pela Defensoria Pública da Bahia (Bahia, 2021).

O termo “criado mudo” foi alvo de amplo debate etimológico desde uma campanha publicitária no ano de 2019 da marca Etna, em que se perguntava a participantes negros como eles chamavam o móvel ao seu lado e todos respondiam criado-mudo. Em seguida, os participantes eram convidados a ler um documento que associava o termo à escravidão e lançavam a campanha “#CriadoMudoNuncaMais²”. No entanto, é apontado que o termo deriva do termo dumbwaiter - mordomo mudo -, termo do inglês americano que designa um tipo de pequeno elevador utilizado para transportar alimentos em prédios (Dicio, 2023). Apesar da polêmica, algumas redes

² O comercial está disponível no canal oficial da empresa no youtube:
<https://www.youtube.com/watch?v=C2szquntLLs>. Acesso em: 19 set. 2023.

varejistas alteraram o nome do móvel para “mesa de cabeceira” em seus catálogos e dedicam seções informativas sobre a escolha do termo na seção dos seus sites destinadas a esses móveis, como, por exemplo, o Magazine Luiza (2019)³ com a reportagem “Criado-mudo não, mesa de cabeceira sim!”, e as Casas Bahia (2023)⁴, que afirma que “Criado-mudo é uma nomenclatura que tem caído em desuso, por ser considerada uma palavra racista”. Desse modo, têm-se efeitos comerciais a partir da pauta social sobre o uso desses termos.

O termo “feito nas coxas” foi apontado como não associado à escravidão no Brasil pelo arquiteto Pastina Filho (2006), pois a estrutura das telhas produzidas no período parece ser de moldes padronizados e não condizentes com forma da anatomia humana e as variações corporais entre indivíduos. Ainda assim, o autor classifica a expressão popular como “de cunho pejorativo e racista” (Pastina Filho, 2006, p. 1), e ainda sexista, pois a expressão “feito nas coxas das escravas” confere, de acordo com o autor, um tom de sensualidade, comparado ao uso “feito nas coxas dos escravos”, podendo reforçar a sexualização da mulher negra.

É evidente que, apesar da origem etimológica, palavras podem ter seu significado transformado no uso, e deve-se ter em vista a grande influência dos meios de comunicação em massa como formadores de opinião; pois, possivelmente, o termo “criado mudo” galgou uma maior associação com a história do povo preto no Brasil devido a uma campanha publicitária divulgada dois anos antes da aplicação deste questionário. Assim, a mídia atuou de maneira a performar um letramento racial, ainda que, como aqui discutido, possivelmente não baseado em fatos históricos e com fins comerciais.

Por fim, o termo “meia tigela” foi o menos reconhecido como associado à história do povo preto no Brasil. O guia de expressões racistas do TSE (Brasil, 2022) indica três possíveis origens, uma associada ao corte de alimentação dos escravizados quando se apontava pelos feitores uma baixa produtividade, e duas associadas à história europeia, em que a alimentação e chances de comparecer a refeições eram atreladas ao status

³ O texto pode ser acessado no site da empresa: <https://www.magazineluiza.com.br/blog-da-lu/c/mo/mcqa/criado-mudo-nao-mesa-de-cabeceira-sim/3331/>.

⁴ Resposta ao item de perguntas-frequentes “criado-mudo e mesa de cabeceira são a mesma coisa?”. disponível em: <https://www.casasbahia.com.br/criado-mudo/b>. Acesso em: 20 set. 2023.

social. Contudo, apesar das contestações etimológicas, é fato que as condições de alimentação dos escravizados no Brasil eram extremamente precárias e a noção de restrição de alimentação tida em “meia-tigela” pode, facilmente, ser correlacionada ao conhecimento prévio dessa realidade.

A classificação de alguns termos como pseudoetimológicos nesta pesquisa não justifica que esses não sejam associados ao racismo. Como discutido, imbuíu-se nessas expressões um notório viés racial que vem sendo reconhecido pelos brasileiros. Assim, o Guia do TSE postula, em termos de políticas linguísticas que "Embora não haja consenso acerca das origens, a possibilidade de serem compreendidas como memória da escravidão é justificativa suficiente para que as expressões sejam substituídas por outras que cumpram a mesma função" (Brasil, 2022, p. 68).

Deve-se ter em vista que os significados atribuídos às palavras são construídos na esfera social humana e passíveis de mudanças juntamente a transformação da comunidade falante ao longo do tempo; portanto, a consideração da origem etimológica marcada em um período de escravização e racismo, bem como associações que possam ser feitas na contemporaneidade, são constructos importantes para pensar o letramento racial decolonial e o funcionamento do racismo em palavras da nossa língua.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito se tem falado na atualidade sobre a necessidade de um letramento racial adequado e amplo na sociedade brasileira. A discussão sobre raça/cor ganha cada vez mais espaço em diversos campos de atuação social e de pesquisa, entre eles a linguística.

Historicamente, as línguas são espaços de disputa de poder e de domínio ideológico. No Brasil, a imposição da língua portuguesa como única língua oficial trouxe impactos negativos antes, durante e depois da colonização. Sabendo disso, esta pesquisa lançou um olhar sobre os vocábulos utilizados para referir-se aos sujeitos negros e como tais palavras refletem o racismo linguístico e o baixo letramento racial do brasileiro.

Observou-se que, mesmo quando sujeitos com alto grau de escolarização demonstram algum nível crítico a determinados usos linguísticos, o letramento racial deles ainda não poderia ser considerado adequado. Segundo Vieira (2022), esse fato ilustra o que autora considera como letramento racial racista, uma vez que não há uma repercussão social que traga à pauta uma luta antirracista.

Além disso, verificou-se fortemente a presença da morenização (Nascimento, 2016) nas respostas dadas. Esse fato mostra a força do processo de embranquecimento e, conseqüentemente, do apagamento da população negra através da língua ao longo dos séculos. Diante disso, a partir dos dados apresentados e analisados, destacamos a urgência de a ciência linguística engajar-se no combate ao racismo linguístico e pensar práticas pedagógicas decoloniais para o ensino de língua, sendo, assim, um agente na transformação de uma sociedade antirracista.

REFERÊNCIAS

BAHIA. Defensoria Pública do Estado da Bahia. **Dicionário de expressões (anti)racistas**: e como eliminar as microagressões do cotidiano. Salvador: ESDEP, 2021. Disponível em: https://www.defensoria.ba.def.br/wp-content/uploads/2021/11/sanitize_191121-071539.pdf. Acesso em: 20 set. 2023.

BRASIL. **Resolução N. 510, de 07 de abril de 2016**. Diário oficial da união, Poder Executivo, Brasília, DF, 24 de maio de 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Senado Federal. **Manual quesito cor/raça e etnia**. Brasília, 2022.

BRASIL. **Expressões racistas**: como evitá-las. Brasília: Superior Tribunal Eleitoral - TSE, 2022. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/institucional/catalogo-de-publicacoes/lista-do-catalogo-de-publicacoes/publicacoes/e/expressoes-racistas-por-que-evita-las>. Acesso em: 23 set. 2023.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano**: Ensaios, Intervenções e Diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HALL, Stuart. Raça, o significante flutuante. (Tradução Liv Sovik e Kátia Santos). **Z Cultural** - Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea, Ano VIII, vol. 2,

2015. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/raca-o-significante-flutuante%ef%80%aa/>. Acesso em 14 out. 2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. (Tradução Jess Oliveira). Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

MILROY, Leslie. Social Networks. In: CHAMBERS, Jack; TRUDGILL, Peter; SCHILLING-ESTES, Natalie (orgs.). **The Handbook of Language Variation and Change**. Oxford: Blackwell, 2004.

MOREIRA, Carol; LUCERO, Rhuander; ANDRES, Fernanda Sagrilo; PINTO, Muriel. A erotização da mulher negra nas mídias brasileiras. In: SALÃO INTERNACIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO - SIEPE, 10., 2018, Santana do Livramento. **Anais [...]**. Santana do Livramento: Universidade Federal do Pampa, 2018. p. 1-5.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. 3ªed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo linguístico**: os subterrâneos da linguagem e do racismo. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

PASTINA FILHO, José La. Eram as telhas feitas nas coxas das escravas?. **Arqueologia**, Curitiba, v. 10, n. 1, 2006. Disponível em: <https://journals.kvasirpublishing.com/arg/article/view/64/144>. Acesso em: 20 set. 2023.

SILVA, Natalino N. da. Nas trilhas da aventura pedagógica de educar com e para o social. **Paidéia**, Belo Horizonte, ano 9, n. 13, p. 57-68, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://revista.fumec.br/index.php/paideia/article/view/1672>. Acesso em: 22 jan. 2024.

VIEIRA, Bárbara Danielle Moraes. Letramento racial: da emergência de uma formulação. **Revista espaço acadêmico**. Maringá, v.21, edição especial, 2022. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/60366/751375153961>. Acesso em: 22 set. 2023.

Lorena da Silva RODRIGUES

Doutora (2018) e mestra (2010) em Linguística, pela Universidade Federal do Ceará. Graduada em Letras — Português pela mesma universidade. Professora de língua portuguesa da rede pública do Ceará (SEDUC-CE). Desenvolve pesquisa em Sociolinguística, tem interesse nas relações de raça por meio da linguagem e políticas linguísticas nos PALOP. Contato: rodrilorena@gmail.com.

Maylle Lima FREITAS

Doutoranda em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade

Federal do Ceará (PPGLin-UFC). Graduada em Letras Português e Espanhol pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Desenvolve pesquisas na área de Sociolinguística Variacionista, Contato dialetal e Crenças e Atitudes linguísticas. Contato: mayllemafreitas@gmail.com.

Amanda Veríssimo da SILVA

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFGRS). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Tem interesse em pesquisar: mídia antirracista, jornalismo negro, descolonização, decolonialidade, consumo midiático, redes sociais, significação, imaginário social, comunicação popular, ideologia de gênero e ética no jornalismo. Contato: amanda1verissimo@gmail.com.

Recebido em 15.maio.2025

Aceito em 05.dezembro.2025